

RESUMO EXPANDIDO DE REVISÃO DA LITERATURA**A influência do machismo na produção da subjetivação masculina e suas relações com o sofrimento psíquico**

Isabella Michalski dos Santos. Psicologia. Centro Universitário Integrado. Brasil
Dra. Arianne Latoski. Administração. UFPR - Litoral, Brasil, arianne.latoski@ufpr.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a masculinidade a partir de uma perspectiva sócio-histórica, com foco na forma como o machismo, enquanto estrutura cultural e social, participa da constituição do psiquismo. A questão central que orienta a pesquisa consiste em compreender de que maneira o machismo participa da produção de formas de subjetivação masculina associadas ao sofrimento psíquico. Nesse sentido, o estudo fundamenta-se na Psicologia Histórico-Cultural, que compreende o psiquismo como resultado das relações sociais, mediado pela linguagem e pelos signos (Vygotski, 1991).

O machismo, entendido como um sistema de normas culturais, orienta os modos de sentir, pensar e agir dos sujeitos, especialmente por meio do processo de socialização de gênero. No caso da masculinidade, esse processo implica a incorporação de padrões que valorizam a força, o controle emocional e a negação da vulnerabilidade. Tais exigências, entretanto, entram frequentemente em contradição com as necessidades subjetivas dos indivíduos, como o desejo de afeto, cuidado e expressão emocional. Conforme aponta Leontiev (2014), a discrepância entre os significados sociais e os sentidos pessoais pode gerar tensões no psiquismo, configurando-se como fonte de sofrimento psíquico. Dessa forma, compreender o machismo como fenômeno sócio-histórico permite analisar seus impactos não apenas nas relações sociais, mas também na saúde mental dos homens.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar de que maneira as normas sociais vinculadas ao machismo influenciam a constituição do psiquismo masculino e se relacionam com a produção de sofrimento psíquico. A relevância do tema está na necessidade de problematizar essas construções, contribuindo para uma compreensão mais ampla da saúde mental masculina e de suas determinações sociais.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de revisão de literatura, de abordagem qualitativa, fundamentada na Psicologia Histórico-Cultural, com base em Vigotski e Leontiev.

A busca foi realizada nas bases SciELO, Periódicos CAPES e Google Acadêmico, utilizando os descritores “masculinidade”, “machismo”, “sofrimento psíquico” e “autocuidado masculino”.

Foram incluídos artigos em português relacionados à construção social da masculinidade e à saúde mental masculina, sendo excluídos aqueles sem relação direta com a temática. A análise ocorreu por meio de leitura exploratória e analítica, com organização dos conteúdos em eixos temáticos, como normas de gênero, internalização, contradições subjetivas e sofrimento psíquico, à luz da Psicologia Histórico-Cultural.

REVISÃO DE LITERATURA

O desenvolvimento humano, na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, é determinado pelas relações sociais que o sujeito estabelece ao longo de sua vida. Nesse sentido, o psiquismo não se desenvolve de forma isolada, mas a partir da inserção do indivíduo na sociedade, uma vez que “a forma de relação que o sujeito estabelece com a sociedade determina as mudanças produzidas no seu psiquismo e movimentam os mecanismos psicofisiológicos” (Facci et al., 2023, p. 189). Assim, o desenvolvimento é compreendido como um processo mediado socialmente, no qual o social exerce papel fundamental na constituição do psicológico.

Dentro dessa abordagem, a mediação por signos e linguagem desempenha um papel central no desenvolvimento humano, pois é por meio dela que o sujeito passa a regular seu próprio comportamento. Diferentemente dos instrumentos, que atuam externamente sobre a realidade, os signos, como a linguagem, operam internamente, permitindo o controle e a organização dos processos psíquicos, sendo assim, o desenvolvimento ocorre quando atividades inicialmente externas e sociais são reconstruídas no plano interno, transformando-se em processos intrapsicológicos. Assim, aquilo que primeiro se estabelece nas relações entre indivíduos passa a constituir o funcionamento interno do sujeito, evidenciando que a linguagem é fundamental na transformação do social em psicológico. (Vygotski, 1991).

Nesse sentido, compreende-se que os conteúdos culturais não são apenas assimilados de forma passiva, mas passam a organizar ativamente o funcionamento psicológico dos indivíduos. Como afirma Vygotski, “Toda a função aparece duas vezes, em dois níveis, ao longo do desenvolvimento cultural da criança; primeiramente entre pessoas, como categoria interpsicológica e depois dentro da criança, como categoria intrapsicológica.” (Vygotski, 1991, p. 84). Desse modo, fenômenos sociais amplos podem ser compreendidos como elementos mediadores do desenvolvimento humano, uma vez que são apropriados pelos sujeitos ao longo de suas interações sociais, influenciando diretamente a forma como pensam, sentem e se relacionam.

A partir dessa compreensão, torna-se possível entender o machismo não apenas como um conjunto de comportamentos isolados, mas como um sistema de normas culturais que participa ativamente da constituição do psiquismo, na medida em que orienta e regula comportamentos, valores e relações sociais a partir de uma lógica patriarcal. Essa mentalidade estabelece padrões como o controle sobre as

mulheres e a rivalidade entre homens, além disso, o machismo ultrapassa a ideia de uma simples conduta aprendida, constituindo-se como um conjunto estruturado de normas e significados que definem papéis de gênero e sustentam relações desiguais na sociedade. (Balbinotti, 2018).

As principais normas sociais associadas ao “ser homem” estão relacionadas à valorização de comportamentos como agressividade, coragem, força e disposição para o risco. Essas normas fazem parte de um processo de socialização de gênero que estrutura expectativas distintas para homens e mulheres dentro da sociedade (Saffioti, 2015).

A internalização das normas ocorre por meio das relações sociais e dos processos de mediação simbólica, especialmente pela linguagem, ao longo do desenvolvimento do sujeito (Vygotski, 1991). Desde a infância, os indivíduos são inseridos em contextos sociais que transmitem valores, expectativas e papéis de gênero, os quais são inicialmente vivenciados no plano interpessoal e, posteriormente, incorporados no plano intrapsicológico. Dessa forma, normas culturais que sustentam o machismo passam a ser internalizadas como formas naturais de pensar, sentir e agir, orientando o comportamento dos sujeitos sem que sejam necessariamente questionadas. No caso do machismo, tais normas são produzidas e reproduzidas socialmente, estruturando relações desiguais de gênero (Saffioti, 2015).

De acordo com Leontiev, O psiquismo é o que torna possível pensar e agir de forma consciente, pois organiza nossas funções psicológicas, dessa forma:

devemos considerar a consciência (o psiquismo) no seu dever e no seu desenvolvimento, na sua dependência essencial do modo de vida, que é determinado pelas relações sociais existentes e pelo lugar que o indivíduo considerado ocupa nestas relações (Leontiev, 2004 p.95).

Sendo assim, as normas sociais influenciam diretamente as formas de sentir, pensar e agir porque são internalizadas pelos indivíduos ao longo de sua inserção nas relações sociais.

A partir das normas sociais de gênero, especialmente aquelas vinculadas ao machismo e ao patriarcado, são construídos padrões de comportamento que orientam as formas de sentir, pensar e agir dos indivíduos. Conforme discute Minayo (2005, p. 24) “o masculino é investido significativamente com a posição social (naturalizada) de agente do poder da violência”, sendo assim, o masculino é historicamente associado ao lugar do poder, da ação e do domínio, sendo socialmente legitimado como agente da violência. Essa construção social produz padrões como a valorização da agressividade, o controle sobre o outro, e a ideia de que o homem deve afirmar sua masculinidade por meio da força, da imposição e da negação da vulnerabilidade. Dessa forma, o texto evidencia que tais padrões não são inatos, mas sim historicamente construídos e internalizados, organizando o psiquismo dos sujeitos e influenciando diretamente suas práticas sociais.

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, as contradições entre exigências sociais e experiência subjetiva surgem quando há um desencontro entre os significados sociais, aquilo que é estabelecido pela sociedade, e os sentidos

peçoais, aquilo que a atividade representa para o sujeito. Isso ocorre porque os conteúdos sociais não são internalizados de forma uniforme, mas ganham significados diferentes na consciência individual. Como afirma Leontiev (2014, p. 83), “sob certas condições, a falta de correspondência de sentido e significado na consciência individual pode assumir o caráter de uma alienação real entre eles, até mesmo sua oposição”. Dessa forma, as contradições podem ser compreendidas como a não correspondência entre o que é socialmente exigido e o que faz sentido para o sujeito, gerando tensões internas no psiquismo. Portanto, tais contradições expressam um conflito interno entre o social e o subjetivo, sendo resultado da própria forma como o psiquismo se constitui nas relações sociais e na atividade humana.

As contradições entre exigências sociais e experiência subjetiva se manifestam na vida dos homens principalmente como um conflito entre o modelo de masculinidade imposto socialmente e suas necessidades reais de cuidado, afeto e saúde, evidenciando que os homens são socialmente pressionados a ocupar papéis de força, invulnerabilidade e domínio, o que entra em choque com suas experiências subjetivas. Como apontam Silva et al. (2021 p. 2), “a figura masculina ocupou papéis de poder, guerreiro e provedor familiar, sendo representada por um ser absoluto, forte e sem vulnerabilidades”, sendo assim, essas exigências sociais fazem com que muitos homens ignorem suas próprias necessidades, especialmente relacionadas à saúde e ao autocuidado, gerando a contradição como a de que precisam ser fortes, mas vivenciam fragilidades.

Além disso, Silva et al. (2021) mostram que essas contradições aparecem concretamente em comportamentos como de exposição, superação de riscos como prova de virilidade e na expressão de poder por meio da violência que são valorizados, sendo assim o homem passa a agir de acordo com o que é socialmente esperado, mesmo que isso vá contra seu bem-estar, evidenciando o conflito entre o social e o subjetivo.

Nesse sentido, a dificuldade na simbolização dos afetos pode ser compreendida a partir do modo como os homens são socializados dentro de determinados padrões culturais de masculinidade. Como aponta o trecho, durante esse processo, eles “aprendem desde cedo a ignorar seus sentimentos e necessidades afetivas” (Silva et al., 2021 p. 5), as emoções não sendo reconhecidas, nomeadas ou elaboradas, pois expressá-las pode ser associado à fraqueza ou ao fracasso diante das exigências sociais, o sujeito deixa de desenvolver recursos para lidar com seus afetos. Em vez de serem pensados e significados, os sentimentos tendem a ser reprimidos ou transformados em outras formas de expressão, como comportamentos de evitação, agressividade ou silêncio.

Dessa forma, compreende-se que o machismo, enquanto sistema de normas culturais internalizadas, não apenas estrutura relações sociais desiguais, mas também produz impactos significativos no sofrimento psíquico masculino. Ao impor ideais de masculinidade baseados na invulnerabilidade, no controle emocional e na negação do cuidado, esse modelo dificulta que os homens reconheçam suas próprias fragilidades e busquem apoio, contribuindo para a negligência com a saúde e o agravamento de quadros físicos e mentais. Nesse sentido, estudos indicam que a resistência masculina ao autocuidado e à procura por serviços de saúde está diretamente relacionada a tais construções socioculturais, resultando

em maior exposição a fatores de risco e adoecimento (Pereira et al., 2023). Assim, evidencia-se que o machismo não apenas oprime, mas também produz sofrimento nos próprios homens, ao limitar suas possibilidades de expressão, cuidado e construção subjetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada permitiu evidenciar que o machismo, enquanto estrutura sócio-histórica, participa ativamente da constituição do psiquismo masculino. A partir da Psicologia Histórico-Cultural, compreende-se que o psiquismo humano é socialmente constituído, sendo desenvolvido por meio das relações sociais e mediado pela linguagem e pelos signos, que organizam os processos psicológicos ao longo do desenvolvimento. Nesse contexto, a revisão demonstrou que o machismo não se configura como um traço individual, mas como um sistema cultural internalizado. Tais normas, historicamente construídas, passam a organizar a consciência e o comportamento dos sujeitos, associando o masculino a ideais de poder, domínio e, muitas vezes, à violência.

Além disso, evidenciaram-se as contradições entre as exigências sociais associadas à masculinidade, como a valorização da força, da invulnerabilidade e do controle emocional e as experiências subjetivas dos indivíduos, marcadas por necessidades de afeto, cuidado e expressão emocional. Essas contradições, conforme discutido, revelam a tensão entre os significados sociais e os sentidos pessoais, sendo constitutivas do próprio processo de formação da consciência.

No caso dos homens, tais contradições assumem características específicas, uma vez que o processo de socialização masculina frequentemente dificulta a simbolização dos afetos, levando à repressão emocional e à limitação das possibilidades de expressão subjetiva. Esse cenário contribui para a produção de sofrimento psíquico, evidenciando como as determinações sociais incidem diretamente sobre a saúde mental. Diante disso, destaca-se a necessidade de aprofundamento de estudos que investiguem como esses processos se manifestam na realidade concreta dos sujeitos. Além disso, o tema aponta para a importância do desenvolvimento de intervenções que considerem as especificidades sócio-históricas da subjetividade, contribuindo para práticas mais sensíveis às questões de gênero e saúde mental.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade. Machismo. Sofrimento psíquico. Psicologia Histórico-Cultural.

AGRADECIMENTOS: Agradeço à orientadora, Dra. Ariane Latoski, pelas contribuições e orientações ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Agradeço também ao Centro Universitário Integrado pelo suporte acadêmico e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BALBINOTTI, Izabele. A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo. **Revista da ESMESC**, v. 25, n. 31, p. 239–264, 2018.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias et al. A periodização do desenvolvimento humano na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural: subsídios para a intervenção do(a) psicólogo(a) escolar e educacional. In: FACCI, Marilda Gonçalves Dias; LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro; FRANCO, Adriana de Fátima (org.). **Implicações da periodização do desenvolvimento humano para a prática pedagógica**: em destaque a Psicologia Histórico-Cultural. Paranavaí: EduFatecie, 2023. p. 184–213.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LEONTIEV, A. N. **Atividade, consciência e personalidade**. São Paulo: [s.n.], 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 23–26, 2005.

PEREIRA, Guilherme Henrique Machado Cessel et al. O desvelar do machismo no autocuidado em saúde da população masculina. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 5, p. 3042–3054, 2023. DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n5p3042-3054>.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SILVA, Gabriel Diniz da; ANTUNES JÚNIOR, Reinildo José de Sá; FERREIRA, Josivete Maria do Nascimento. Multifatores que prejudicam o autocuidado masculino na prevenção da saúde física e mental: um olhar da psicologia. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 6, n. 3, p. 1–9, 2021.

VYGOTSKI, Lev Semionovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.